

## 1. A NOITE DO CASTELO

Libreto de Antonio José Fernandes dos Reis, extraído do poema do mesmo nome, de Antônio Feliciano de Castilho.

Primeira representação: Rio de Janeiro, 4 de setembro de 1861, no Teatro Lírico Fluminense.

**Primeiro ato.** Grande salão no castelo do Conde Orlando, em Lisboa, no ano de 1250. Cavalheiros e damas comentam alegremente o casamento de Leonor e Fernando, quando entra um pagem anunciando que o velho camponês Raimundo tem uma estranha história para contar. Este conta que teve alta noite a visão de um vulto negro, com armadura de guerreiro, e que postado sob as janelas do quarto de Leonor, clamava pelo seu nome, com os olhos erguidos para os aposentos da filha do Conde Orlando. Pensam todos ter sido a alma de Henrique, sobrinho do Conde e já noivo de Leonor antes de partir para a Terra Santa nas Cruzadas, onde morrera.

Apresenta-se, de fato, na prota do fundo, um guerreiro tal como descrito na visão de Raimundo. Entra vagarosamente, olhando em torno, ar misterioso e feroz, pronunciando palavras iradas contra os festejos e os noivos. Os presentes, aterrorizados, não sabem o que fazer e se, de fato, o misterioso personagem é um fantasma ou o próprio Henrique, de volta das Cruzadas. Finalmente, Henrique proclama que não morreu e todos se retiram, assustados, comentando, todavia, que ele deveria mostrar seu rosto. Henrique sai atrás dos cavalheiros e damas. A cena permanece um instante vazia, quando entram pela varanda aberta sobre o parque os noivos. Fernando deseja fazer Leonor descansar da fadiga da festa, mas ela confessa que sofre muito, pois também teve uma horrenda visão, na qual lhe apareceu seu primeiro noivo, acusando-a de perjura; e ela já não pode ter paz. Fernando tenta consolá-la e leva-a outra vez para os salões da festa.

Entra o Conde Orlando, que é efusivamente cumprimentado pelos visitantes a propósito do casamento de sua linda filha. Porém, atrás dos convidados, aparece outra vez o misterioso guerreiro. Leonor observa a estranheza de um cavalheiro apresentar-se numa festa de rosto encoberto. Henrique retruca que, ao voltar da Terra Santa, fizera voto de trazer o rosto sempre coberto. Todos desconfiam, principalmente Leonor, quando Henrique tira do peito uma larga faixa de seda azul, que Leonor lhe havia dado como penhor de seu amor, antes de sua partida para as Cruzadas e a atira com desprezo aos pés da jovem. Esta estremece. A assistência, indignada, incita o Conde a expulsar o ousado guerreiro. Henrique parte, ameaçando vingar-se.

**Segundo ato.** Passa-se num lindo parque. Henrique, sempre em sua negra armadura, ordena ao seu fiel Renato que o vá esperar no lugar combinado e, após ter pronunciado palavras de ameaça contra Leonor e

Fernando, oculta-se num caramanchel, enquanto se ouvem vozes de pessoas que desejam encontrar novamente o negro fantasma e ao mesmo tempo proteger Leonor. Chegam os noivos, numa grande expansão de amor, amargurados, porém, pelo receio que Leonor ainda tem de avistar novamente o fantasma de seu primeiro noivo, que ela crê tenha morrido na Terra Santa. Fernando procura encorajá-la, dizendo-lhe que está armado e pronto a defendê-la. Henrique sai do caramanchão, insultando Leonor e Fernando, que o desafia para um duelo. Chegam cavalheiros e damas, e também com eles o Conde Orlando e o camponês Raimundo, todos lamentando os tristes acontecimentos. Leonor atira-se nos braços do pai, pedindo-lhe que vá em socorro de Fernando, que o fantasma levava para o matar. Ela parece ter enlouquecido e os demais deploram sua desdita.

**Terceiro ato.** constante de duas cenas. A primeira representa uma estrada ao lado do cemitério dos Prazeres, em Lisboa. O coro interno lastima o triste destino de Leonor, quando entra Raimundo com outros camponeses e gente do povo, apontando para a capela onde está depositado o corpo de Fernando. Seguem-se comentários e propósitos para a vingança do crime do fantasma. Entra o Conde Orlando comentando a sorte desua infeliz filha. Chegam diversos homens de armas, aos quais ele pergunta pelo resultado das buscas para o encontro do fantasma assassino de Fernando; e como ninguém o achou, ele mesmo se dispõe a ir em busca do criminoso.

A segunda cena transcorre no claustro do convento dos Jerônimos. Leonor, bastante perturbada, entra acompanhada pela irmã Inês. A religiosa quer levá-la para repousar em seu quarto, mas Leonor só fala em Fernando e Henrique, chamando principalmente pelo esposo, que ela acredita surgirá entre os arcos do claustro. Mas quem aparece é Henrique, o fantasma, com a espada em punho e a viseira erguida. Leonor, não o reconhecendo, abraça-o, julgando ser Fernando; mas dá um tremendo grito ao perceber ser ele Henrique, seu primeiro noivo, que partira para a Terra Santa nas Cruzadas e que ela julgava morto.

Henrique, cego de ira e ciúme, insulta-a, chamando-a de perjura. A irmã Inês tenta acalmá-lo, pedindo-lhe que tenha clemência para com a pobre infeliz. Henrique não atende a ninguém, e dispõe-se a matar Leonor, quando entra o Conde Orlando, que, vendo a filha em perigo, fere mortalmente Henrique. Então, o Conde reconhece Henrique, seu sobrinho, com grande mágoa de o haver ferido. Entram todos os que haviam acompanhado Orlando na procura do "fantasma" e todos ficaram aterrorizados ante o quadro doloroso. Henrique pede perdão ao tio pela sua rude vingança, implora sua benção e morre. Leonor desmaia entre os braços das irmãs. Orlando permanece inconsolável e os assistentes ficam estarecidos ante o cruel destino daqueles pobres senhores.